

## **O Problema dos Gêneros Discursivos, segundo Bakhtin, e o Livro Didático para o Ensino de Língua Estrangeira.**

Daniel Adelino Costa Oliveira da Cruz

### **Introdução**

Neste artigo, discutimos a possibilidade de se considerar o livro didático um gênero do discurso à luz da teoria bakhtiniana. De uma definição de livro didático, passamos à história desse gênero no Brasil. Abordamos suas condições de produção, sua esfera de circulação, a absorção de outros gêneros, atualização, sua forma composicional, estilo e conteúdo temático.

#### 1. História do livro didático no Brasil

O que é um livro didático? É aquele “destinado ao ensino, e cujo texto deve obedecer aos programas escolares; livro de texto” (Ferreira, 1986, p. 1042). Essa definição remete ao gênero ao pressupor que saibamos que um livro é um suporte que tem um formato conhecido na esfera em que circula. O fato de ser conhecido aponta para o traço histórico, relevante para o estabelecimento do gênero.

Pensaremos a história do livro didático apenas no Brasil. Pfromm *et alii* (1974, p. 155), no ensino de Comunicação e Expressão, citam uma correspondência jesuíta de 1549, em que há a informação sobre a remessa de roupas e livros pelo rei D. João III às crianças educadas pelos jesuítas. Ainda Pfromm *et alii* (1974, p. 71) localizam o surgimento dos mais antigos compêndios para o ensino de matemática em língua portuguesa no século XVI, provavelmente utilizados no Brasil. O primeiro livro de matemática escrito por um brasileiro data de 1744 - o Exame de Artilheiros, escrito por José Fernandes Pinto Alpoim para seus alunos. Rui Barbosa introduziu os primeiros textos preparatórios para o estudo das ciências com sua tradução de Lições de Coisas, de 1886 (Pfromm, 1974, p. 103). Já, os livros de estudos sociais, utilizados pelos jesuítas para a leitura no séc. XVII, provinham de Portugal.

A história contribui para pensarmos dialogicamente no livro didático como gênero, segundo Bakhtin, que relaciona um enunciado aos outros que o precederam naquele gênero e aponta para enunciados futuros, numa cadeia complexa (Bakhtin, 1953[1979], p. 291).

Podemos observar a distância que marca a diferença entre os livros didáticos de hoje e os materiais de 1.600 a.C. a partir da leitura de Bakhtin (1953[1979], p. 279). Esse autor afirma

que os gêneros do discurso são "*tipos relativamente estáveis de enunciados*" elaborados por cada esfera de utilização da língua. Essa estabilidade relativa dos enunciados esclarece as evoluções pelas quais os gêneros passam, para que se adaptem às necessidades de uma esfera de comunicação, sobrevivendo ao tempo. Se a história pode nos levar a estabelecer o gênero livro didático, ela deve necessariamente estar presente nele.

## 2. O gênero a partir do livro didático

### 2.1 Produção e circulação

Nosso objeto de análise foi o livro *Blueprint* (Abbs, 1990) por circular na esfera do ensino, neste caso, ensino de língua inglesa como língua estrangeira. Suas características de produção e circulação são as seguintes:

- i) na capa frontal: nomes dos autores – "Brian Abbs & Ingrid Freebairn"; o nome do livro e sua ordem na série de que faz parte – "Blueprint One"; o usuário a que se destina, i.e., o aluno – "Students' Book"; e a editora – "Longman";
- ii) no verso da capa frontal: um parágrafo no qual autores e editores agradecem a colegas de várias partes do mundo por seus comentários sobre o livro em todos os seus estágios de produção. Além disso, há a informação de que a editora tem representantes em vários continentes e de o livro foi editado na Inglaterra e impresso na Itália;
- iii) também no verso da capa frontal: o *copyright* dos autores;
- iv) na capa traseira: a informação de que o livro *Blueprint One* é um curso para iniciantes, e uma lista dos materiais que compõem o curso – livro do aluno, de exercícios, do professor, jogo de fitas de áudio para o aluno e outro para o professor;
- v) ainda na capa traseira: nome da editora – Longman e ISBN – 0-582-06660-3.

Os itens acima podem ser interpretados como índices de produção e circulação com base no conceito de gênero de Bakhtin. A associação dos itens (i), (iii) e (v) permite a individualização do livro, ao lhe conferir uma identidade e uma origem – o autor, a editora e um número de identificação – o ISBN. Temos, assim, um produto de uma sociedade burguesa individualista, que precisa dizer quem escreveu, quem editou, uma vez que não é propriedade da sociedade como um todo, mas de um indivíduo. O livro didático, apesar de sua individualidade, caracteriza-se como tal pela semelhança com outros livros didáticos que já circularam ou circulam. O gênero, mesmo não percebido conscientemente, está presente.

Já o item (ii), ao falar dos autores, editores, companhias associadas ao redor do mundo e da colaboração de colegas, transforma o livro didático em algo abrangente geograficamente. Os

autores e editores, ao agradecerem a colegas ao redor do mundo por seus comentários incorporados ao livro, inserem esses colegas na produção do livro, permitindo-nos pensar numa co-autoria, que colabora na abrangência geográfica do livro didático e, por fim, numa dimensão geográfica do gênero.

A informação sobre edição na Inglaterra e a impressão na Itália lembra-nos a questão da globalização e suas conseqüências para a circulação, evolução e perpetuação do gênero. Imaginando-se que, na Itália, não se tivesse a menor idéia de como produzir um livro didático, o contato com o material, na impressão, já poderia ser uma semente que permitiria ao gênero contaminar a Itália a partir de Turim. A companhia responsável pela impressão não se compõe somente de máquinas, mas também de pessoas que poderiam fazer chegar um exemplar a professores, autores ou editores italianos, que o teriam como modelo para seus próprios livros didáticos.

## 2.2 Forma composicional

Bakhtin (1953[1979], p. 206), com relação à composição, diz que o conteúdo orienta o autor, que lhe dá forma e acabamento por meio de um material. Conteúdo, acabamento e forma são interdependentes, e a forma é determinada pela natureza do material e dos procedimentos que este condiciona. Bermelho (1999, p.302), ao descrever a forma da estrutura composicional do gênero parlamentar, aproxima-se da forma composicional do livro didático:

O gênero didático busca levar os alunos de língua estrangeira a dominar os gêneros primários e secundários pela transposição desses gêneros para dentro de si. É por essa razão que os incorpora de forma aberta no campo da sua “discursividade. Encontramos então nos seus domínios a citação literária, o relato oral de viagens, os fatos do cotidiano, a correspondência [...], as manchetes dos jornais, as máximas, o *slogan*, os ditos populares, etc” (id.ib.)

O livro didático pode levar o aluno a dominar a língua nas situações em que o aluno interagirá com os gêneros transpostos para dentro do livro ao pô-lo, o aluno, em contato com a realidade de produção e circulação em que comumente ocorrem. Observamos o livro didático e verificamos exemplos da transposição de outros gêneros que o didático opera para dentro de si, além das próprias características do gênero livro didático.

Temos à página 1 uma seção chamada *preview* que pretende contextualizar a língua que será apresentada no primeiro bloco de 5 unidades. Há uma instrução no modo imperativo: "Listen and follow the conversation./Ouça e acompanhe a conversa." (Abbs, 1990, p. 1).

A instrução suscita uma dúvida. O uso do modo imperativo seria uma questão de forma ou estilo? Primeiramente, vejamos se pode ser estilo. Bakhtin (1953[1979], p. 283) diz que o enunciado é individual, o que lhe proporciona refletir a individualidade do enunciador, mas que nem todos os gêneros oferecem essa abertura ao estilo individual. Há gêneros que exigem que um padrão seja seguido. Isso nos permite dizer que a instrução no modo imperativo possa até ser interpretada como estilo, mas um estilo do gênero didático em si pela padronização que o envolve e que não o abre ao estilo individual. Afinal, não é comum encontramos instruções modalizadas em livros didáticos. Talvez essa característica mude com o tempo, mas, por enquanto, é o que encontramos no gênero didático. Por conta de ser um estilo fortemente marcado, há espaço para se considerar a instrução no modo imperativo como parte da forma composicional. Torna-se relevante, em contrapartida, esclarecer que assumimos a instrução em si como elemento da forma composicional, e sua expressão no modo imperativo exige maior cautela quanto à melhor classificação. A questão do estilo, no entanto, será tratada posteriormente. Nosso foco permanece na forma composicional.

Encontramos na seqüência uma série de 6 cenas triviais: cumprimentos entre colegas de trabalho, apresentação entre um atendente e um cliente, preenchimento de um formulário, esclarecimento de dúvidas quanto a como se soletra algo, entrega do serviço ou mercadoria e, finalmente, entrega de brinde. O livro didático apresenta a língua que o aluno aprenderá contextualizada em situações do cotidiano, ou seja, em gêneros do cotidiano que o livro didático traz para dentro de si. A absorção de outros gêneros torna-se uma condição *sine qua non* para que livros didáticos para o ensino de línguas tenham aceitação no meio onde pretendem circular. Esses gêneros se embrenham na forma do livro a ponto de se tornarem um elemento que se espera encontrar no livro, no gênero.

Na seqüência, inicia-se a unidade 1 do livro que se compõe de uma série de itens que se espera estejam num livro didático para o ensino de uma língua estrangeira. A unidade inicia-se por uma situação que exemplifica o conteúdo que será trabalhado. Uma mulher diz seu nome – "Hi! My name's Laura.", um homem diz seu nome – "Hi! I'm Adam." e um narrador diz os nomes daquele homem e daquela mulher – "Her name's Laura." e "His name's Adam". Esse tipo de abordagem do conteúdo, em situações nas quais comuns na realidade das pessoas, aparece nas várias unidades. O livro, ao tratar de cumprimentos, mostra pessoas se cumprimentando; ao tratar de objetos, mostra um ambiente repleto deles, tais como escrivania com telefone, agenda, etc. Nesse livro analisado, a gramática integra o conteúdo. Como elemento da forma composicional, o livro aborda o conteúdo trazendo imagens e textos assim como som (fitas de áudio). Há, ainda, outros livros que trazem fitas de vídeo.

Encontramos elementos iconográficos no livro, que se apresentam como elementos facilitadores do entendimento e se embrenham no todo da forma composicional, ao possibilitarem ao aprendiz a observação de um gênero do cotidiano numa situação efetiva de uso. Exemplo disso são imagens de colegas de trabalho cumprimentando-se numa agência de viagens. Essa composição deixa o aprendiz seguro de que, ao precisar cumprimentar um colega de trabalho pela manhã, em inglês, o poderá fazer dizendo "good morning!" e estar seguro de que desempenhou seu papel a contento. As instruções, o conteúdo lingüístico, as fotos e desenhos se inter-relacionam criando uma atmosfera homogênea que se repete ao longo do livro, deixando aluno e professor à vontade no manuseio do material didático ao incorporarem a forma composicional do gênero ao seu cotidiano de ensino-aprendizagem.

O livro didático incorpora de modo especial toda a sorte de textos e informações. À página 26 encontramos uma carta cruzada por setas diversas partindo de hipertextos que indicam o local para remetente, data, início e saudação final, explicando a função de cada elemento na carta e sua disposição no *lay out*. A carta didatizada se integra à realidade pelo livro didático, num gênero diferente do epistolar puro e simples. A carta aponta ainda para outro elemento da forma composicional: a utilização de exemplos. O livro didático utilizou a carta pessoal como um exemplo do objetivo que se espera que o aprendiz alcance. Ela não cumpre a função primária de mediar a comunicação entre pessoas, mas sim de servir de modelo para a composição de cartas pessoais, caso o aluno venha a sentir a necessidade de redigir uma carta à moda inglesa contemporânea.

Temos no livro didático para o ensino de línguas a gradação do conteúdo, do assunto, que vai do mais fácil ao mais difícil em termos de gramática e vocabulário, numa seqüência que pressupõe o anteriormente apresentado para o que se estuda.

### 2.3 Estilo

Estilo é o modo pelo qual as informações são apresentadas e também a seleção que se faz do material. Encontramos anúncios e pesquisas retiradas de jornais e o que poderia ser uma página de um guia turístico ou revista de viagens. Para falar de pronomes possessivos, o livro utiliza vários objetos, tais como relógios, automóveis, computadores, rádios portáteis, jóias etc. Para trabalhar dêiticos, tais como *this*, *that*, *these* e *those*, utiliza outros objetos que se encontrariam em um escritório, tais como agendas, telefone sofisticado, mesa de trabalho de projeto arrojado e esteticamente atraente para quem se identifica com modernidade. Para falar de horário livre, refere-se a casas noturnas, restaurantes, bares, cinemas e teatros. Sabe-se que, há algum tempo, aprender uma língua estrangeira era decorar listas e listas de vocabulário,

frases, verbos e gramática. O livro que analisamos insere-se em uma tradição contemporânea de não ser apenas gramatical. Ele apresenta toda essa profusão de imagens de objetos de todo tipo. Por quê?

Observamos uma perspectiva utilitarista do ensino, pragmática, a partir da qual se aprende uma língua para a comunicação. Nada melhor, portanto, do que trazer situações da vida real em que a comunicação exista e exija essa língua. Daí o enfoque comunicativo utilizado por muitos professores e materiais. Esses elementos, dentro do livro didático são parte de pequenos gêneros do cotidiano que já conhecemos e que, pelo próprio fato de conhecê-los, propiciam conceber esses elementos (automóveis, viagens, lazer, etc), falar deles, desejá-los, descrevê-los, compará-los, comprá-los. O que fazem então encaixados nos limites de um livro pensado para uma situação de ensino-aprendizagem, já que viajamos, compramos, nos medicamos e fazemos muitas outras coisas quando não estamos estudando? Como o ato de estudar poderia reelaborar essas atividades? Estamos frente a um livro didático ou a uma vitrine da sociedade inglesa burguesa contemporânea? O livro didático se põe como um gênero secundário, refletindo e refratando os gêneros do cotidiano. Ele é um livro didático e uma vitrine da sociedade inglesa burguesa contemporânea, pois fala do cotidiano dessa classe e não do cotidiano da classe operária que não tem dinheiro para viajar, comprar jóias e automóveis, nos passando inclusive a impressão de que todo e qualquer residente na Inglaterra teria esse padrão de vida. É portanto uma vitrine da burguesia inglesa e *não* da sociedade inglesa atual que tem altos índices de desemprego e problemas sociais.

Enfim, o livro didatiza esse conteúdo, independentemente do recorte da vida que tenha realizado. Propõe-se a levar o aprendiz a se expressar na língua alvo. No caso do aprendiz brasileiro, isso não se daria completamente. O material não discute situações de descaso político ou abandono social pelas quais boa parte da população passa, não desenvolve vocabulário a respeito. Isso deixa o aprendiz à sua sorte e o professor em situações delicadas, pois às vezes o assunto vem à tona em aula. Resta ao professor expandir o livro didático, discutir esse tipo de problema e desenvolvê-lo, didatizar material adequado à realidade do aprendiz se tiver tempo e habilidade para tanto.

O verbo *didatizar* por si já revela a transformação pela qual outros gêneros podem passar ao serem incorporados pelo didático. Essa transformação é também uma característica do gênero bakhtiniano. Os gêneros primários (Bakhtin, 1953[1979], p. 281), como a carta, inseridos no livro didático, só se integram à realidade através do livro didático como um todo. Durante o processo de didatização, tudo aquilo que é trabalhado no livro didático sofre uma mutação que tende à homogeneização do conteúdo. Essa homogeneização se dá pelo objetivo

do próprio livro. O livro de comunicação e expressão, seja em língua materna, seja em estrangeira, poderá se apropriar de qualquer gênero que propicie uma melhora no comando dessa língua que se espera que o aprendiz alcance. Essa homogeneização se faz presente na própria materialidade do livro didático, à qual podemos nos referir por estilo. Bakhtin (1953[1979], p. 284) diz que cada esfera tem gêneros específicos que apresentam determinados estilos.

Anteriormente verificamos, da perspectiva da forma composicional, que o gênero didático não deixa muito espaço para o estilo individual. O espaço para esse estilo individual do autor dá-se por outro lado, pelas opções que faz, pela seleção que faz dos elementos que utiliza e como os trabalha. No livro, as situações se passam quase sempre numa Inglaterra ensolarada. É claro que o sol aparece por lá, mas não na frequência que o livro deixa transparecer. Sabe-se que a Inglaterra é nublada e chuvosa. Encontramos no próprio livro um texto sobre as estações e o clima na Grã-Bretanha que se contrapõe ao aspecto climático geral do livro. Nesse texto, à página 58, há uma citação do poeta inglês Lord Byron: “Even poets talk about the weather. For example, Lord Byron (1788-1824) once said: 'I like the weather, when it is not raining. That is, I like two months of every year.' ” [“Até poetas falam do clima. Por exemplo, Lord Byron (1788-1824) certa vez disse: 'Eu gosto do clima, quando não está chovendo. Ou seja, eu gosto de dois meses de cada ano.' (tradução nossa)]. Os autores imprimem ao livro um acabamento que chamamos de estilo individual deles e acabam por vender um estilo de vida burguês inglês que pode ser questionado, mesmo porque às vezes contraditório, como no caso do clima ensolarado predominante no livro e a citação do poeta Lord Byron. Encerramos assim este item no qual tratamos do estilo. Passaremos ao problema do tema.

## 2.4 Tema

Voltamos à questão do modo imperativo nas instruções que encontramos no livro. Por que a escolha do modo imperativo? Sim, escolha, porque ao escrever o livro didático, o autor escolhe tudo o que porá no papel em branco, não é mesmo? Talvez não. A esse respeito, Bakhtin (1953[1979], p. 311) nos diz que, ao elaborarmos um enunciado, escolhemos cada palavra a partir de outros enunciados, especialmente os aparentados ao nosso enunciado pelo gênero, ou seja, pelo tema, composição e estilo. A especificidade do gênero dá-nos as opções e os parâmetros para efetuarmos a seleção. Bakhtin (1953[1979], p. 305) ainda nos diz a esse respeito que não optamos por determinada oração em função de nossa necessidade de expressão, mas em função do enunciado no seu todo.

Esse todo do enunciado é, no nosso caso, o gênero didático. Se o gênero determina a opção em termos de recursos lingüísticos, acreditamos que os parâmetros que oferece teriam relação com as questões ideológicas no que concernem ao autoritarismo que a elite utiliza na luta de classes. Cuidemos, entretanto, para não imaginarmos que o livro didático seja produto de um determinismo. Afinal, se há opções, alguém as faz e, assim, há um ponto de vista, alguém responsável por ter escolhido um recurso lingüístico, estilístico e não outro.

Resta, ainda, pensar na atualização do gênero. A utilização do livro didático pressupõe um tempo, um espaço, alguém que fala, alguém que ouve e responde. Na sociedade brasileira, e em várias outras, há várias classes. Há a elite que define as regras para o funcionamento da sociedade e as classes subalternas que lhes obedecem. Nessa estrutura, a classe dominante define as regras do ensino (re)formulando-as conforme lhe convenha. Bárbara Freitag (1989, p.25-27) nos lembra que a partir da década de 60 são-nos impingidos vários decretos-lei que reformulam o sistema educacional brasileiro pelo modelo anglo-saxão, na tentativa de silenciar “vozes críticas e das lideranças politizadas” e controlar “ideológica e politicamente os materiais de ensino e os conteúdos de curso”. Há, desse modo, ao menos duas vozes que se encontram em tensão pela busca da hegemonia, busca essa que nos lembra uma luta pelo poder. O livro didático teria então por tema o poder - o livro didático se poria aqui metonimicamente em relação às instituições oficiais de ensino enquanto representantes de um estado dominado por uma elite específica.

Foucault (1997, p. 57-59) considera importante para analisarmos o discurso observarmos quem profere tal discurso (o professor) e de onde o faz (da sala de aula na escola). Quando fala do lugar de professor na escola, a sociedade lhe confere a legitimidade de que necessita para se fazer ouvido e respeitado. Ora, se ele ensina aos alunos o conteúdo de um livro didático que é produzido por quem detém os meios de produção desse livro, ele ensina o conteúdo que esse detentor dos meios de produção deseja. E, assim, reproduz-se a ideologia dominante da elite econômica do país e esta se mantém no poder.

O livro didático é, como qualquer produto lingüístico-discursivo, um produto da esfera ideológica de que fala Bakhtin. Há, contudo, que se considerar que todo esse aparato ideológico tem um destinatário: o aluno. Como diz Bakhtin (1953[1979], p. 321), *"Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero."*

Qual seria esse destinatário típico de quem Bakhtin fala? Acreditamos que seria esse aluno do qual se espera que reproduza a ideologia da classe dominante, obedecendo-a. Deve-se considerar esse elemento ao procurar-se compreender o motivo de encontrarmos no livro

didático as instruções autoritárias, já que são comumente redigidas no modo imperativo. Seria talvez uma maneira de coagir o aluno a fazer o que se espera dele, levando-o, ainda, a se acostumar, desde criança, a obedecer ordens. Com efeito, o aluno que é exposto a esse discurso reage a ele através de uma *atitude responsiva ativa* (Bakhtin, 1953[1979], p. 290) que pode ser de ação retardada (Bakhtin, 1953[1979], p. 291).

Essa compreensão responsiva de ação retardada é relevante para o gênero didático, pois, ao pensarmos em ensino, pensamos em uma ação que muda o indivíduo que se expõe a essa ação. Essa mudança dá-se pela *reflexão* que esse indivíduo faz do que *aprendeu*, ou talvez devamos dizer que essa mudança se dê pela *apropriação* que o aprendiz faz daquilo que *aprendeu*. O sujeito-aluno, contudo, não deve ser encarado como um simples receptáculo de conhecimento que aceita tudo aquilo a que está exposto como uma tábula rasa. Ele pode criticar e, às vezes, critica o que lhe é dito. Sua reação pode, em consequência, ser de contrariedade ao que lhe tentam impor. Se não houvesse um discurso que se chocasse com seus interesses, não haveria reação negativa, mas, sim, uma eterna condescendência.

## Conclusão

As características históricas, composicionais, temáticas e estilísticas que formam o gênero se encontram presentes no livro didático. Como todos os gêneros, este ao mesmo tempo que apresenta a marca da tradição, também o faz com a inovação, o que explica as mudanças pelas quais passou, levando-se em conta as necessidades do momento e também as tecnologias e as teorias que possibilitaram sua reformulação de forma e conteúdo.

Quando tratamos de composição, adentramos a questão estilo e vice-versa. Quando tratamos do tema, voltamos à forma e ao estilo. Isso se dá porque a questão do gênero é complexa e imbrica todos esses elementos, não sendo possível tratar de um sem pensar na implicação para os demais. Isso retrata bem o que afirma Bakhtin (1997, p. 119) a respeito do gênero: "determina o entrelaçamento indissolúvel de todos os seus elementos".

Em assim sendo, é fato incontestável que o livro didático acumula todas as características típicas, na visão de Bakhtin, do que seja gênero discursivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBS, Brian; FREEBAIRN, Ingrid. **Blueprint One**, Students' Book, Essex, Inglaterra: Longman, 1990.

AURÉLIO Buarque de Holanda Ferreira. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, 2.ed. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 1986.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes (Coleção ensino superior), 1953[1979].

\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BERMELHO, Odair. **O Gênero Parlamentar**: Análise dos discursos dos deputados sobre as greves do magistério público estadual paulista de 1978 a 1995, sob a luz da teoria do dialogismo em Bakhtin. Tese (Doutorado em Letras, Área de Semiótica e Lingüística Geral), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 5a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FREITAG, B.; COSTA, W. F.; MOTTA, V. R. **O Livro Didático em Questão**. São Paulo: Cortez, 1989.

PFROMM NETTO, S.; ROSAMILHA, N.; DIB, C.Z. **O Livro na Educação**. Rio de Janeiro: Primor, INL (Inst. Nac. do Livro/MEC), 1974.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.